

Jacob Gorender: em memória de um gigante

MÁRIO MAESTRI*

Visitei-o na sua pequena moradia, na Vila Anglo-Brasileira, em São Paulo, para onde se mudara com parte de sua biblioteca, jamais significativa. Certamente os longos anos na clandestinidade contribuíram para não cultivar adesão fetichista a objetos difíceis de transportar!

Doía de ver. Enterrado em um velho sofá, parecia um passarinho, de tão mirrado.

Saudou-me vivamente:

– Muito prazer. O companheiro é de São Paulo?

Constrangido, Rogério Chaves explicou-lhe, três vezes, em voz alta:

– É o Mário Maestri!

Após algum tempo, recuperando-se, mandou lembranças para Florence e perguntou se meu filho, Gregório, continuava na Itália.

Agradeceu a Rogério pela bela quinta reedição de *O escravismo colonial* (Gorender, 2012), pela Perseu Abramo, e, apontando, para seus discos, reclamou, diversas vezes, amargurado, que a surdez impedia-o de escutar música. Jacob Gorender era melômano inveterado.

Em 1997, quando passou alguns dias conosco em Milão, nos desdobramos para que assistisse a uma ópera. Ao vê-lo *enfatiotar-se* para a apresentação, Florence lembrou-o que podia vestir-se informalmente. Respondeu muito sério que escutar ópera, no Teatro Alla Scala, era celebração que exigia traje a rigor!

* Historiador e professor do programa de pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Nossa visita foi difícil e rápida. Sua surdez era profunda e ele retornava aos temas abordados, há pouco concluídos. Parti impactado pelos golpes desrespeitosos do tempo sobre quem já fora a mais perfeita *máquina de pensar* com quem tive o privilégio de conviver.

Poderia ter sido protagonista de romance de André Malraux, Victor Serge, Nikolai Ostrovski ou mesmo Jorge Amado, na sua fase realista-soviética. Seu pai foi operário judeu ucraniano, marxista e antissionista, que participou da Revolução Russa de 1905, fugiu para Buenos Aires, radicou-se em Salvador, onde os Gorender viveriam humildemente.¹

Jacob Gorender ingressou no PCB, universitário, durante a Segunda Guerra, indo combater o nazismo na Itália como pracinha. Recordava, com certo orgulho, que passara no exame médico que rejeitara Mário Alves, por pouca envergadura física. Seu companheiro seria um fiapo! Lembrava que era despertado nas noites gélidas para restabelecer os cabos de comunicação cortados pela artilharia alemã e falava saudoso de comício de Palmiro Togliatti a que assistira.

No Brasil, Gorender deixou os estudos em Direito pela militância profissional. Em 1955, em escola de quadros, nas proximidades de Moscou, conheceu Idealina Fernandes, filha de operário fundador do PCB, companheira de sua vida toda, com quem teve uma filha, Ethel, oncologista. Na URSS, conheceu na íntegra o relatório secreto sobre os crimes de Stalin.

Em 1958, no Brasil, integrou o grupo de dirigentes que, sob a bênção de Prestes, produziu a “Declaração de Março”, que substituiu a retórica esquerdista por proposta de aliança com a *burguesia progressista* e a conquista pacífica do poder. A reorientação destronou João Amazonas e sua equipe da direção do PCB, dando origem a seguir ao PCdoB, e elevou Gorender ao Comitê Central e Mário Alves e Carlos Marighella à Comissão Executiva do PCB.

Em 1964, Gorender e outros dirigentes criticavam a subordinação de Prestes ao governo Goulart. Após o golpe, ele, Alves, Apolônio de Carvalho e outros pecebistas fundaram, em abril de 1968, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, propondo a luta de massas e armada. Em janeiro de 1970, quando das quedas da direção do PCB, Gorender divergia do militarismo que dessangrava as organizações da esquerda armada.

Em 20 de janeiro, Gorender foi preso em São Paulo, após seis anos na clandestinidade, sendo submetido ao bestial tratamento que levou à morte Alves. No presídio Tiradentes, expôs em concorridos cursos pioneiramente sua interpretação da formação social brasileira. Em liberdade, dedicou-se à produção teórica, sem militar organicamente, apesar de aderir ao PT. Nos últimos anos da ditadura, em razão da publicação de sua tese, Gorender despontaria como o mais poderoso pensador marxista revolucionário brasileiro.

¹ Cf. os dados biográficos apresentados a seguir em Maestri, 2005.

O escravismo colonial não foi produto de idiosincrasia ou refinamento intelectual. Após o golpe, a derrota do colaboracionismo e o dinamismo da revolução mundial radicalizaram muitos militantes pecebistas, sem que criticassem as concepções superadas. A reflexão de Gorender sobre a gênese-devir da formação brasileira interpretava a necessidade daquela superação teórica.

Em 1978, *O escravismo colonial* conheceu amplo acolhimento, ajudado pela retomada da mobilização operária. Com repercussão ampla na academia, pouco repercutiu entre a esquerda, para a qual se destinava. A publicação, sob a ditadura, de estudo erudito sobre a economia política da escravidão surpreendeu a militância desorganizada pela derrota das propostas reformistas, nos anos 1960, e dos sonhos armados da década seguinte.

O escravismo colonial apresentava as leis tendenciais do modo de produção escravista colonial, historicamente novo, dominante no Brasil pré-1888. Determinando como central a contradição entre o trabalhador escravizado e seu escravizador, superava as propostas tradicionais sobre passado capitalista, feudal, híbrido. Sobretudo, definia as bases para crítica geral da sociedade brasileira, com o objetivo de revolucioná-la.

O forte impulso da luta social favorecera a produção e a legitimação de *O escravismo colonial*. Seu refluxo e a vitória do liberalismo em fins dos anos 1980 certamente contribuíram para o caráter sintético da interpretação do período pós-1888 preparada por aquela obra magna. Isolado, lutando pela sobrevivência, Gorender foi obrigado a responder por anos à criticaria de *O escravismo colonial*, lançada pelos meios acadêmicos conservadores.

Gorender esboçaria sua visão pós-1888 sobretudo em dois ensaios germinais. Em *Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro*, de 1979, abordou a origem da produção capitalista no campo brasileiro, após a superação da escravidão, em 1888, que definiu como revolucionária (Gorender, 1987). Dois anos mais tarde, em *A burguesia brasileira*, discutiu sinteticamente a industrialização e a gênese da burguesia no Brasil, até fins dos anos 1970 (Gorender, 1986).

Entre outras obras, Gorender escreveu dois clássicos da historiografia brasileira. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, de 1987, constitui valiosa interpretação crítica da ação da esquerda nos anos pós-1964. O livro registra igualmente as suas rupturas e permanências quanto às concepções que defendera naquele período. Trata-se de seu trabalho mais amplamente conhecido (Gorender, 1998a).

Em 1990, após as celebrações do 1º Centenário da Abolição, publicou *A escravidão reabilitada*, ferina crítica das raízes genealógicas e ideológicas do revisionismo historiográfico que reabilitou as antigas interpretações sobre a escravidão, apresentando-a como ordem patriarcal, consensual, negociada. Visão hoje dominante no Brasil (Gorender, 1990).

Após romper com o PCB, Gorender rejeitou sua produção teórica realizada à sombra do marxismo dogmático e stalinista. Em 1978, com *O escravismo colonial*,

levantou-se como referência da defesa do método marxista e da necessidade histórica da revolução socialista sob a direção do mundo do trabalho.

Em fins dos anos 1980, a avassaladora contrarrevolução liberal fez recuar globalmente o mundo do trabalho, desmoralizando milhares de intelectuais, políticos e lutadores sociais. Como resultado desse processo, estabeleceu-se dissintonia qualitativa entre a produção gorenderista anterior sobre a formação social brasileira e suas visões de viés crescentemente revisionista e social-democrata sobre o marxismo, a crise do socialismo e a URSS.

Em 1991, publicou ensaio sobre o fim da URSS, no qual registrou suas esperanças na autorreforma da burocracia soviética e em um utópico socialismo regulado pelo mercado (Gorender, 1991). Em 1992, apresentou *Marcino e libertadore: diálogos sobre o marxismo, social-democracia e liberalismo*, que anunciava revisão geral em relação às suas posições anteriores (Gorender, 1992).

Em 1998, finalmente, no artigo “O proletariado e sua missão histórica” (Gorender, 1998b), rompeu com o marxismo revolucionário, propondo o caráter ontologicamente reformista do proletariado, ideia que tentaria desenvolver no livro *Marxismo sem utopia*, de 1999 (Gorender, 1999). De certo modo, retornava às posições social-democratas defendidas em março de 1958. O livro foi agraciado com o Troféu Juca Pato, da União Nacional de Escritores, e Gorender, com o título de “Intelectual do Ano”.

Essa sua produção realizada em idade tardia, de força analítica e qualidade estilística que apenas lembram o poderoso pensador de *O escravismo colonial*, produzida sob o enorme peso da derrota histórica do mundo do trabalho, dificulta a compreensão do caráter fulcral da reflexão sobre a formação social brasileira desse que certamente foi o mais importante pensador marxista brasileiro.

Referências bibliográficas

- GORENDER, J. *A burguesia brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- _____. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *O fim da URSS: Origens e fracasso da perestroika*. São Paulo: Atual, 1991.
- _____. *Marcino e Libertadore: Diálogos sobre marxismo, social-democracia e liberalismo*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Combate nas trevas*. 5.ed. (Ver., ampliada e atualizada). São Paulo: Ática, 1998a.
- _____. O proletariado e sua missão histórica. ALMEIDA, J.; CANCELLI, V. (org.). *150 anos de Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã; SNFPPT, 1998b. p.19-28.
- _____. *Marxismo sem utopia*. São Paulo, Ática, 1999.
- _____. *O escravismo colonial*. 5.ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2012.
- MAESTRI, M. *O escravismo colonial: a revolução copernicana de Jacob Gorender. A gênese, o reconhecimento, a deslegitimação*. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, Unisinos, ano 3, n.13, 2005. 42p.

MAESTRI, Mário. Jacob Gorender: em memória de um gigante. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.37, 2013, p.209-212.

Palavras-chave: Gorender; Memória; Marxismo.